



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

REINSTALANDO A AÇÃO NO SEU LUGAR: CORREÇÕES DE KIERKEGAARD A LUTERO

ANDRE OSWALDO RIBEIRO CORREIO¹

RESUMO:

Um dos notáveis eventos da história moderna foi a reforma magisterial empreendida por Martinho Lutero no seio da Igreja Católica. Pouco mais de três séculos depois, Kierkegaard recebe o legado doutrinário de Lutero que caracterizava a Dinamarca de sua época, mas ele opera esta recepção de um modo crítico-corretivo. Segundo Kierkegaard, para reinstalar a fé em seu lugar, Lutero “ilhou” a noção de fé na sua hermenêutica. Kierkegaard, por seu turno, oferece um contrapeso a esse excesso, dando relevo à noção de ação, que é uma noção fundamental na obra de Kierkegaard. Neste artigo discutiremos o modo como Kierkegaard opera as suas correções a Lutero, trazendo excertos importantes de um texto kierkegaardiano de 1851 e de uma anotação de 1850. Por fim, mencionamos o caso de Dietrich Bonhoeffer no século XX, que também corrigiu uma certa hermenêutica da fé - a chamada “graça barata” - seguindo a empreitada kierkegaardiana para reinstalar a ação no seu lugar.

Palavras-chave: Hermenêutica. Fé. Reforma. Correção. Ação.

¹ Doutor em filosofia defendido em 2020 (EFLCH/UNIFESP). Área de estudo: antropologia filosófica e pensamento judaico.

ABSTRACT:

One of the remarkable events of modern history was the magisterial reform undertaken by Martin Luther within the Catholic Church. A little more than three centuries later, Kierkegaard receptions Luther's doctrinal legacy that characterized the Denmark of his time, but he operates this reception in a critical-corrective way. According to Kierkegaard, in order to reinstate faith in its place, Luther isolated the notion of faith in his hermeneutics. Kierkegaard, in turn, offers a counterweight to this excess, highlighting the notion of action, which is a fundamental notion in Kierkegaard's work. In this article we will discuss the way in which Kierkegaard operates his corrections to Luther, bringing important excerpts from an 1851 Kierkegaardian text and an 1850 annotation. Finally, we mention the case of Dietrich Bonhoeffer in the 20th century, who also corrected a certain hermeneutics of the faith - the so-called "cheap grace" - following the Kierkegaardian initiative to reinstate action in its place.

Keywords: Hermeneutics. Faith. Reformation. Corrective. Action.

A hermenêutica da doutrina cristã tem sido um trabalho cooperativo entre gerações, e a relação entre Kierkegaard e Lutero é um capítulo singular nessa história interpretativa. A seu tempo, no século XVI, o monge alemão defendeu a tese de que a doutrina da supremacia da fé havia perdido o seu espaço, por uma série de razões. Partindo dessa tese, Lutero empreendeu uma estridente batalha para, nos termos de Kierkegaard, "reinstalar a fé no seu lugar". Pouco mais de trezentos anos depois, Kierkegaard navega pelo curso aberto por Lutero. Mas a história da hermenêutica não cessa. Ao mesmo tempo em que é recepcionada, a tradição se atualiza a cada geração. Dentro dessa divisão temporal do trabalho hermenêutico, vemos na obra de Kierkegaard um empreendimento aparentemente oposto ao de Lutero, mas que de fato se mostra como complementar. Na sua interpretação do evangelho, Kierkegaard *reinstala a ação no seu lugar*. Essa revitalização da ação no pensamento cristão tem uma camada de sentido peculiar, haja vista que, deste modo, Kierkegaard acaba por realçar um aspecto caro à raiz *mater* do cristianismo: o pensamento judaico. A importância do ato (*mitzvah*) é axial na fé judaica. Sabemos que Kierkegaard navega nas coordenadas luteranas, mas o faz com autonomia. Nesse artigo, discutiremos o *modus operandi* dessa autonomia, por meio da qual Kierkegaard recepciona o legado de Lutero, mas adicionando importantes correções.

Na sua análise sobre Lutero na primeira parte da obra *Para um autoexame de si recomendado a este tempo*, de 1851, Kierkegaard começa divisando o aspecto temporal. "Os tempos são diferentes" (*Tiderne ere forskjellige*), "assim como acontece com os homens, os tempos mudam, mas continuam sendo maus, só que em uma nova figura" (KIERKEGAARD, SKS 13,44). Tal contextualização é importante,

pois é a partir dela que Kierkegaard alça o seu voo interpretativo. Kierkegaard irá empreender esse voo após mapear o contexto histórico que justificou a hermenêutica de Lutero. Antes de apresentar o mapeamento de Kierkegaard, relembremos, de modo sumário, o diagnóstico sustentado por Lutero e a sua resposta hermenêutica.

Em um diagnóstico deveras conhecido, Lutero afirmou que a essência da fé cristã em sua época havia se perdido numa piedade mecânica e rigidamente rotinizada:

[Para muitos monges], não há trabalho mais pesado do que orar. Isso é verdade quando se transforma a oração em obra ou trabalho (...). Qualquer diarista preferirá ficar malhando o dia inteiro a apenas mexer com a boca ou fixar um livro com os olhos duas ou três horas a fio. (...) Quando um monge leu ou murmurou suas horas canônicas por quarenta anos, ao todo ele não orou sinceramente uma hora sequer” (LUTHERO, 1995, p.121).

Em sua crítica à rotinização enrijecida da fé, Lutero afirma ironicamente que o monge típico de sua época se tornara um “mugidor de orações”. Sob a lente luterana, era um cenário de profundo corrompimento da piedade cristã. Diante deste cenário em que as ações haviam ganhado um peso imoral (e que se tornara um peso existencial), a correção de Lutero é dar um contrapeso à fé:

O **evangelho não exige de nós obras** por meio das quais nos tornemos adoradores e bem-aventurados; ao contrário, o evangelho condena tais obras [*verdammmt solche Werke*] e exige apenas fé em Cristo (LUTHERO, 1998, p.77, grifo nosso).

Se eu precisasse renunciar ou às obras ou às pregações de Cristo, eu renunciaria das obras (...) já que **as obras de Cristo de nada me adiantariam** [*hulften mir nicht*]; suas palavras, porém, concedem a vida. (LUTHERO, 1998, p.81, grifo nosso)

Considerando a pesada “artilharia” hermenêutica que Lutero utilizou como contrapeso, podemos perceber que o seu diagnóstico era de uma espécie de “câncer” moral no magistério da igreja em sua época. Lutero, em contrapartida, afirma que o evangelho não exige ações dos cristãos, e chega a formular um inusitado experimento de pensamento no qual ele renúncia às obras do próprio Cristo, radicalizando até as últimas consequências na sua secção entre fé e ações. Tal experimento colide com o próprio entendimento luterano de que o cristão “venceu a morte, o pecado e o inferno por meio das obras de Cristo” (LUTHERO, 1997, p.75.77). Mas, para defender seu argumento totalizador da fé, Lutero chega ao ponto paroxista de rejeitar, mesmo que de modo hipotético, as obras de Cristo.

Como Kierkegaard interpreta esse posicionamento de Lutero? Segundo Kierkegaard, Lutero se levanta contra um certo estado do magistério da igreja, no qual “tudo estava reduzido a obras” (*Alt var blevet Gjerning*). Sob o prisma de Kierkegaard, o “problema das obras” é uma afirmação metonímica, pois o erro não estava na obra, ou na ação, mas “na hipocrisia, na presunção do mérito”

(*Hykleri, Fortjenstligheds Indbildskhed*) (KIERKEGAARD, SKS 13,44). É de um modo sutil mas contundente que Kierkegaard começa a sua correção a Lutero:

A vida de Lutero expressou em obras - nunca esqueçamos- o que ele disse: uma pessoa é salva apenas pela fé. O perigo era tão grande que não conheço expressão mais forte disto do que sua decisão de colocar de lado [a carta d]o apóstolo Tiago para pôr ordem no assunto. Imagine-se o respeito de Lutero por um apóstolo – e, contudo, ter que atrever-se a isto para reinstalar a fé em seu direito! (KIERKEGAARD, SKS 13,45).

A primeira correção de Kierkegaard a Lutero é uma correção comunicativa. Lutero não teria sido capaz de comunicar de modo suficientemente bom o seu empreendimento. Kierkegaard, por sua vez, trata de corrigir isso. Kierkegaard atenua a acusação de Lutero como detrator das obras, afirmando que Lutero precisou enfatizar a fé à título de contrapeso em um ambiente doutrinário onde as obras estavam contaminadas pela “presunção do mérito e pela hipocrisia”, e o fez para “reinstalar a fé em seu direito” (*indsatte Troen i dens Rettigheder*), para recolocar a fé no seu lugar. Kierkegaard explica a atividade pastoral de Lutero em termos de “saneamento das obras”:

não podemos trocar um erro antigo por um erro novo. Retiremos o deletério e o falso das obras, e conservemos apenas [o saudável e o verdadeiro], as **obras em retidão, em humildade, em atividade proveitosa** [*Gjerningerne i Oprigtighed, i Ydmyghed, i gavnlig Virksomhed*] (KIERKEGAARD, SKS 13,44, grifo nosso).

Kierkegaard recepciona o legado hermenêutico de Lutero, e a primeira correção adicionada é esta: o “problema das obras” é na verdade o problema do “saneamento das obras”. Kierkegaard atribui a Lutero a tentativa de “extrair ‘o mérito’ das obras e conferir-lhes algo distinto”, mas “seus intérpretes não o compreenderam, eliminando completamente o mérito – e também as obras” (KIERKEGAARD, SKS 13,46). Após Lutero, houve de fato muita incompreensão com relação a doutrina da ação. Kierkegaard, por sua vez, procura sanear esse problema. Na obra de Kierkegaard, a noção de ação é objeto de especial interesse. Textos como *Pós-escrito* (1846), *As obras de amor* (1848), e diversos *Discursos edificantes* são amostras disso.

Em um de seus discursos, Kierkegaard expressa a sua segunda correção ao excessivo contrapeso conferido a fé, desprezando a disjunção exclusiva “ou fé ou obras”:

ou condicionar as obras ao mérito próprio, **ou**, para fazer valer a fé e a graça, querer eximir-se totalmente da graça. (...) [No entanto], o cristianismo exige isto: você deve esforçar-se o mais possível para que sua vida se expresse em obras; e então exige uma coisa a mais: que você humilhe-se e reconheça: apesar disso, eu sou salvo pela graça” (SKS 13,45s).

Essa disjunção exclusiva não se aplica a *Luthero de iure*, mas *de facto*, sim. Kierkegaard discute a *lutherisk Bestemmelse af Troen*, “a determinação luterana da fé”, a saber, “a fé é uma coisa inquietante” (SKS 13,46). *Luthero* dissera que “onde existe fé, a pessoa não consegue se conter, ela se manifestará” (LUTHERO, 1998, p.79). Nos termos de Kierkegaard, isso significa que “quando você não sente o pulso da fé [*Troens Puls*] em sua vida, então você tem não fé” (SKS 13,47) No entanto, não obstante o discernimento formal de *Luthero* de que fé e ação estão em conjunção, *de facto* *Luthero* promoveu uma disjunção com diversas consequências.

A reinstalação da carta de Tiago em seu lugar é a terceira correção de Kierkegaard a *Luthero*. Na seção final de seu prefácio ao Novo Testamento, intitulada “livros mais corretos e mais nobres do Novo Testamento”, *Luthero* faz a seguinte ponderação:

Como João descreve bem poucas obras de Cristo, mas muitas de suas pregações, e os outros três evangelistas escrevem muito de suas obras, e pouco de suas palavras, o evangelho de João é o evangelho-chave, mais delicado e correto, sendo de longe preferível e superior aos outros três. Também as epístolas de São Paulo e São Pedro superam bastante os três evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. (...) a epístola de São Tiago é propriamente uma carta de palha [*eine rechte stroherne Epistel*] comparada às demais, pois não é dotada de natureza evangélica (LUTHERO, 1998, p.81)

Nesse prefácio ao Novo Testamento, *Luthero* classifica a carta de Tiago como “uma carta de palha” (*stroherne Epistel*), “sem natureza evangélica”. No julgar de Kierkegaard, a tarefa de recolocar a fé no seu lugar exigiu que *Luthero* “ousasse pôr de lado um apóstolo de Cristo” (KIERKEGAARD, SKS 13,45). Uma das famosas afirmações da carta de Tiago é esta: *pistis ean me eche erga nekra estin*, “a fé sem obras está morta” (Tg 2,17). Tal afirmação colide, aos olhos de *Luthero*, com o seu projeto de reinstalar a fé em seu lugar. No entanto, a doutrina da ação está, segundo os próprios evangelhos, na boca do Senhor a quem *Luthero* serve. Vide o caso do famoso sermão do monte, considerado a ética fundamental do cidadão do Reino de Cristo. Este famoso discurso tem como conclusão uma metáfora sobre a necessidade da ação (a parábola da casa sobre a rocha em Mateus 7). Nesse sentido, ao dizer que a carta de Tiago “não tem natureza evangélica”, *Luthero* está levando o contrapeso dado à fé a um extremo pouco evangélico.

Kierkegaard tem um visível apreço pela carta de Tiago, utilizando-a em diversos momentos de sua obra. Em um dos seus discursos edificantes de 1843, na última e decisiva seção de seu argumento sobre a “aquisição da alma” não como uma questão de conhecimento, mas como uma tarefa de aquisição efetiva, Kierkegaard declara:

Aquele que conhece a sua alma vê-se em um espelho; mas pode esquecer o que vê, como diz o apóstolo Tiago, e, portanto, aplica-se o que Tiago diz mais adiante: “o autêntico ouvinte da palavra é aquele que a pratica”. Enquanto apenas escuta a palavra, ele está fora dela, e quando o pregador se cala, ele já não ouve nada; mas quando pratica a palavra, então ouve constantemente o que ele próprio prega para si mesmo. E cada simples audição da palavra é infinitamente mais incompleta

do que a sua execução [*Udførelsen*], não apenas porque a execução é mais elevada, mas porque cada expressão é bastante incompleta, tanto na sua brevidade como na sua prolixidade, em comparação com a precisão da execução (KIERKEGAARD, SKS 5,172);

Afastando-se da abordagem luterana, Kierkegaard faz um refinado contraste entre escutar e executar, utilizando o substantivo dinamarquês *Udførelse*, que contém a ideia de efetivar (*virkeleggøre*) uma ação ou empreendimento. “A execução é mais acurada do que a mera audição”. A “carta de palha” de Lutero é objeto de apreciação da parte de Kierkegaard; nesse discurso, ele se refere ao primeiro capítulo da carta de Tiago, um conhecido trecho no seio do cristianismo no qual o apóstolo convoca os leitores da sua missiva a quem sejam “praticantes da Palavra, e não ouvintes esquecidos”. Este primeiro capítulo de Tiago também é utilizado por Kierkegaard como mote da primeira parte da obra *Para um autoexame de si recomendado a este tempo* (1851) – obra supracitada - e também como eixo do ensaio sobre “A imutabilidade de Deus” (1855).

A reinstalação da obediência ao seu lugar é a quarta correção de Kierkegaard a Lutero. A obediência aos mandamentos de Deus é um eixo estruturador das escrituras anteriores (Antigo Testamento) e das escrituras posteriores (Novo Testamento). Ecoando a matriz judaica do cristianismo, Kierkegaard confere ao ato da obediência um status sem precedentes. “Se o temor ao Senhor é o princípio da sabedoria, então o aprender a obediência é a plenitude da sabedoria” (KIERKEGAARD, SKS 8,356). Kierkegaard retoma um adágio clássico do livro de provérbios (Pv 1,7), criando a partir dele um novo adágio: “a obediência ao Senhor é a plenitude da sabedoria”. Lutero, por sua vez, não demonstrara empolgação semelhante com a raiz judaica do cristianismo. Do nosso ponto de vista, o incômodo de Lutero com o ensino apostólico de Tiago acerca da necessidade das obras da fé, além das razões mencionadas, parece ecoar um incômodo de natureza antissemita.

De modo mais implícito, ao discutir a primazia da fé sobre a ação, Lutero afirma: “Cuidado para não fazer de Cristo um Moisés, nem do Evangelho um livro da lei ou livro de ensino” (LUTHERO, 1998, p.77). De modo mais explícito, uma de suas últimas obras e Lutero, publicada em 1543, foi um tratado contra os judeus intitulado *Os judeus e suas mentiras* (*Von den Juden und ihren Lügen*). Como filho de seu tempo, o antissemitismo europeu quinhentista se reproduz na obra de Lutero. Kierkegaard, felizmente, não compartilhou desse sentimento.

Não obstante estejamos pontuando diversas correções de Kierkegaard a Lutero, todas elas foram correções indiretas, identificáveis mediante um trabalho de análise. No entanto, em uma anotação de 1850, Kierkegaard faz uma correção explícita a Lutero:

Sua posição [de Lutero] não foi a de atacar “a multidão”, mas um indivíduo de alta posição. Deste modo a luta também se tornou mais fácil. O difícil é ter que sofrer por ter que fazer a questão mais difícil para os outros. Quando se luta para tirar as cargas, então logo se é naturalmente compreendido por uma multidão inteira cujo **interesse é retirar as cargas**. (...) Lutero, em um certo sentido, tornou a questão

muito fácil. Ele deveria ter deixado claro que a liberdade pela qual lutou (e nesta luta ele estava certo) tornava a vida, a vida-do-espírito infinitamente mais difícil do que era antes. (...) Mas agora ele se tornou um objeto de júbilo, um político jubilado (...) o que Lutero queria era: derrubar o papa – bravo! Como sou “grato” por esse comércio político. (...) apenas o velho Sócrates, mártir e herói da intelectualidade [grega], compreendeu o que é ser um reformador e compreendeu a si mesmo para sê-lo, e de fato foi. (KIERKEGAARD, NB16:87, 1850, grifo nosso).

Kierkegaard identifica na posição social de Lutero frente à igreja católica uma luta correta pela liberdade de consciência, mas que incorreu em uma estratégia errada. Para o dinamarquês, ao concentrar boa parte do seu ataque a uma figura política – o papa - Lutero eximiu o povo cristão em geral de sua responsabilidade pessoal como indivíduos diante de Deus. O alvo estava certo (alcançar a liberdade na vida da fé) mas o adversário estava sendo atacado de modo equivocado. A autoridade papal tinha evidentemente sua parcela de responsabilidade como liderança da igreja, mas ele não era o maior problema. O problema da fé aprisionada tinha fatores sociais (doutrinas vigentes) mas seu fator individual era decisivo, segundo Kierkegaard.

Para melhor entender essa anotação de 1850, vejamos o que Kierkegaard dissera no *Pós-escrito* de 1846 sobre o perigo da facilitação da vida:

Por onde quer que olhes, na literatura ou na vida, vêes os nomes de personalidades e celebridades, pessoas valiosas e aclamadas, destacadas e comentadas, os inúmeros benfeitores da época, que sabem como ser úteis à humanidade tornando a vida mais e mais fácil, alguns com ferrovias, outros com ônibus e navios à vapor, outros com telégrafos, [outros com aviões e smartphones...], outros com facilitadas visões panorâmicas e publicações curtas de tudo que é digno de conhecimento, e por fim os benfeitores da época que, através de um pensamento sistemático, tornam a existência espiritual [*Aands-Existenten*] cada vez mais fácil e contudo cada vez menos significativa (...) Quando todos se unem para de todas as formas tornar tudo mais fácil, então só resta um único perigo, que a facilidade [*Lethed*] torne-se tão grande que venha a ser fácil demais (...) [em face disto], concebi esta como a minha tarefa: por toda parte engendrar dificuldades (KIERKEGAARD, SKS 7,171-172)

A tarefa de apropriação dos bens sobrenaturais ofertados por Cristo é uma tarefa individual. Destarte, a liberação da fé intentada por Lutero deveria reinstalar a dificuldade de apropriação imanente à vida do espírito, à medida que doutrinas massificantes (epitomizadas na proposta da compra da indulgência celeste) eram dissipadas e a tarefa de fé do indivíduo cristão reinstalada. Não obstante, Kierkegaard considera que Lutero atrapalhou esse processo, ao dar demasiado enfoque a uma liderança problemática, em detrimento de um inimigo ainda mais decisivo – a cultura de massificação dos cristãos.

A anotação de Kierkegaard de 1850, por outro lado, também enfrenta uma consequência indesejada da hermenêutica luterana de fé que se manifestou nos séculos seguintes: a instrumentalização da graça, uma espécie de “hipergraça”.

Retrocedendo à antiguidade, observamos que o próprio apóstolo Paulo já acusara a veiculação desta ideia:

Se a nossa injustiça evidencia a justiça de Deus, que diremos? (...) Se a minha mentira faz com que aumente a verdade de Deus para a sua glória, por que ainda sou condenado como pecador? E por que não dizemos, como alguns caluniosamente afirmam que o fazemos: “Pratiquemos o que é mau, para que nos venha o que é bom”? A condenação destes é justa (Romanos 3, 5-8, Nova Almeida).

A justificação do pecado, ao invés da justificação do pecador, já era um sofisma no tempo do apóstolo Paulo. Cerca de um século depois de Kierkegaard, outra liderança alemã segue as pegadas do dinamarquês e dá sequência à reinstalação da ação na hermenêutica da fé. Em 1937, Dietrich Bonhoeffer discute o que ele chama de “graça barata” (*Billige Gnade*) como uma graça sem ação (ele a chama de graça sem discipulado). Bonhoeffer rele o panorama histórico da igreja como um trajeto de distorções que antecederam e sucederam a empresa luterana no século XVI:

Com a expansão do cristianismo e o crescimento da secularização [*Verweltlichung*] da igreja, o conhecimento da graça custosa [*die Erkenntnis der teuren Gnade*] foi se perdendo. (...) [Mas] ali, [na vida monástica], às margens da igreja, estava o lugar onde se mantinha viva a consciência de que a graça é custosa e implica o discipulado. Por Cristo, pessoas abandonavam tudo (...) e procuravam seguir os rígidos mandamentos de Jesus no cotidiano. (...) Mas, porque tolerou esse protesto e impediu a ruptura definitiva, a igreja relativizou o custo da graça (...); nesse momento, a vida monástica tornava-se comportamento elitizado (...) Quando aprovou a Deus operar a reforma do evangelho da pura e custosa graça, ele primeiro levou o seu servo Lutero ao mosteiro, (...) [onde] aprendeu a obediência a Cristo e à sua igreja. (...) [No entanto], por meio das escrituras, Deus lhe mostrou que o discipulado de Jesus não é recompensa para alguns, mas mandamento divino que abrange a todos os cristãos. A humilde obra discipulado se tornara, no mosteiro, atividade meritória. (...) A fuga do mundo se revelara, na verdade, uma maneira requintada de amor ao mundo. No colapso da vida monástica, Lutero viu a mão graciosa de Deus estendida em Cristo. (...) O caminho de Lutero, do mosteiro para o mundo, representou o ataque mais forte contra o mundo desde o surgimento da igreja primitiva. (...) Agora o discipulado de Jesus tinha de ser vivido no mundo. (...) O cristão estava novamente no mundo para atacar, em uma luta corpo a corpo. [Portanto], nada poder ser mais desastroso para a compreensão da doutrina de Lutero do que considerar que ele tivesse proclamado, a partir da descoberta do evangelho da graça pura, que o cristão estaria dispensado da obediência ao mandamento de Jesus (...). Para Lutero, a vocação secular do cristão [*Der weltliche Beruf des Christen*] se justifica apenas pelo fato de que, nela, o protesto contra o mundo é anunciado com mais impacto. (...) Não foi a justificação dos pecados, mas a do pecador que levou Lutero a abandonar o mosteiro. Ele tinha recebido a graça custosa. Graça porque foi água para o sedento, consolo para o medo, libertação para a servidão, perdão para o pecados. Custosa porque não dispensou ninguém da obra; ao contrário, acentuou definitivamente o chamado ao discipulado. Esse era o segredo da Reforma: naquilo em que era custosa é que era graça, e naquilo em que era graça é que era custosa. Apesar disso, o grande vencedor da história da Reforma (...) foi o aguçado instinto religioso humano [*religiöse Instinkt*] para descobrir de onde se pode extrair a graça barata. Bastou uma sutil e quase imperceptível mudança de ênfase [*Akzentes*], e o trabalho mais perigoso

e nocivo havia sido feito. (...) Lutero sabia que a graça lhe custara a vida, e ainda lhe custava diariamente: pois a graça não o dispensara do discipulado pela graça, ao contrário, o conduzia a ele. (...) [Sob esse prisma], Lutero falava da operação solitária da graça, e assim repetiam seus seguidores, com apenas uma diferença [porém decisiva]: muito rapidamente excluíram o discipulado. Lutero não mais falava o que sempre dissera, que a graça o conduzira ao mais difícil discipulado de Jesus. (...) Foi o ensino desta doutrina que destruiu a Reforma como revelação da graça custosa de Deus na terra. A justificação do pecador se tornou a justificação do pecado e do mundo. Deste modo, da graça custosa surgiu a graça sem discipulado, a graça barata. (BONHOEFFER, 2016, s/n).

Diferentemente de Kierkegaard, Bonhoeffer exime Lutero e desloca para os seus sucessores a responsabilidade por uma hermenêutica lesiva ao evangelho, ao retirar da ação o seu lugar. Kierkegaard também atribui responsabilidade aos sucessores de Lutero, mas sem deixar de fazer apontamentos críticos-corretivos, como tratamos de mostrar. Enquanto Bonhoeffer reitera a noção de uma graça custosa (*teure Gnade*), Kierkegaard ressalta a necessidade de apropriação (*Tilegnelse*) da graça de Cristo. A apropriação da graça conduz a contínuas correções divinas modeladoras do caráter. Em um texto clássico do Novo Testamento, em uma passagem apreciada por Kierkegaard, afirma que Jesus *emathon epathon*, “aprendeu pelo que sofreu” (Hb 5,8). Tal passagem serviu de eixo para um famoso discurso de Kierkegaard, baseado neste mote: *at Lidelseernes Skole danner for Evigheden*, “a escola dos sofrimentos forma para eternidade” (KIERKEGAARD, SKS 8,349). Em uma de suas missivas, o apóstolo Paulo afirma que a salvação não vem pronta, à medida que ela precisa ser recebida e “desenvolvida” (cf. Fp 2,12).

À guisa de conclusão, vimos que, para reinstalar a fé em seu lugar, a hermenêutica de Lutero ofereceu uma contraditória pragmática da fé acoplada a um discurso antiação. Kierkegaard, por sua vez, recepciona Lutero de modo crítico-corretivo. Assim como a graça foi uma espécie de lâmpada realçada por Lutero no século XVI, a ação foi o “nervo ótico da fé” realçado por Kierkegaard. No entanto, tal como vários elementos concorrem na anatomia dos olhos para que aconteça a percepção visual, outros elementos estão presente nos olhos da fé. Além dos atos embasados nas virtudes cardinais (humildade, amor e esperança) - atos de contrição humilde, de esperança na era porvir e de amor a Deus e ao próximo, os olhos da fé dependem do espírito santo (*ruas ha-qodesh*), do sopro-espírito de Deus. Mas a reinstalação do espírito no seu lugar fica como tarefa para uma outra ocasião.

REFERÊNCIAS:

BONHOEFFER, D. “Die Teure Gnade”, disponível em <https://www.evangelischer-glaube.de/bonhoeffer-nachfolge/bonhoeffer-die-teure-gnade/>, acesso em 21 out 2021.

_____. *Discipulado*. Trad. M. Jardelino. C. Barqueta. São Paulo: Mundo cristão, 2016.

KIERKEGAARD, S. *Søren Kierkegaards Skrifter (SKS)*. Editados pelo S. K. *Forskningscenteret*. Copenhagen, 2014. Versão eletrônica disponível em <www.sks.dk>.

_____. *Pós-escrito Conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas*. Trad. A. Valls. Petrópolis: Vozes, Vol. 1, 2013.

_____. “O alegrativo de que a escola dos sofrimentos forme para a eternidade” in *Discursos edificantes em diversos espíritos*. Trad. A. Valls e E. Hagelund. São Paulo: LiberArs, 2018.

LUTHERO, M. “Comentário a Mt 6,5-15” in *Obras Seleccionadas – Vol. 5*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

_____. “Prefácio ao Novo Testamento” (1522) in *Da liberdade do cristão. Prefácios à bíblia*. Bilingue. Trad. E. Paschoal. São Paulo: EDUNESP, 1998.

_____. *Von den Juden und ihren Lugen* (1543). Disponível em <<https://archive.org/details/VonDenJudenUndIhrenLgen/mode/2up>>. Acesso em 21 fev. 2020.

_____. *The jews and their lies*. Disponível em <<https://archive.org/details/15431948thejewsandtheirliasmartinluther/mode/2up>>. Acesso em 21 fev. 2020.